

Entre dois

As imagens de Beatriz Toledo são tomadas na realidade mas não são selecionadas por suas qualidades de significado. Por meio de instalações e dispositivos cênicos, ela explora outras linguagens para a arte contemporânea, particularmente saturada visualmente como por uma necessidade constante de discurso. Estes fragmentos podem estar ocultos em dispositivos construídos, e por vezes, a imagem vira volume. Porém esta e a forma do objeto não combinam num ponto de vista semântico, introduzindo paradoxos curiosos e novas formas de diálogo.

A abordagem artística de Beatriz Toledo poderia situar-se no campo da rivalidade entre as artes, incarnada em particular pelo Paragone da obra *Ut pictura poesis* de Horácio, transposto no renascimento, de uma rivalidade entre a pintura e a poesia, para aquela da pintura e da escultura. Mas seu trabalho não se resume a uma abordagem de fotógrafo explorando a tridimensionalidade numa tentativa de renovação da fotografia como mídia. Se trata de uma intervenção artística global.

Com a sua instalação, Beatriz Toledo não representa um espaço urbano preciso mas trabalha com as fronteiras entre as artes, com a sensibilidade retiniana de uma fotógrafa e a percepção espacial de um escultor ou de um arquiteto. Ela confronta a imagem a seu ambiente e – fenômeno amplificado pela banalidade do tema – a uma forma de desconstrução do dispositivo da exposição. Além disso, parece que ela concebe a instalação como uma vaidade que tomaria a forma de uma ruína urbana ao mesmo tempo que testemunharia da fragilidade da obra de arte em si. Se as pinturas de Hubert Robert, em particular suas ruínas antigas, consagravam no século XVIII o triunfo da pintura estimulando a memória e a emoção pela ruína, não se sabe exatamente aqui, quem, da ruína ou da arte, fará do outro sua própria finalidade.

Matthieu Lelièvre

Entre deux

Les images de Beatriz Toledo sont prélevées dans le réel mais ne sont pas sélectionnées pour leurs qualités signifiantes. Au moyen d'installations et de dispositifs scéniques, elle explore d'autres langages pour l'art contemporain, particulièrement saturé visuellement comme par un besoin constant de discours. Ces fragments sont parfois dissimulés au sein de dispositifs construits, et parfois, l'image devient volume. Mais celle-ci et la forme de l'objet ne coïncident pas d'un point de vue sémantique, elle introduit de curieux paradoxes et de nouvelles formes de dialogues.

La démarche artistique de Beatriz Toledo pourrait se situer dans le champ de la rivalité entre les arts, incarnée notamment par le Paragone de l'*Ut pictura poesis* d'Horace, transposé à la Renaissance, d'une rivalité entre la peinture et la poésie, en celle de la peinture et de la sculpture. Mais son travail ne se laisse pas réduire à une démarche de photographe exploitant la tridimensionnalité dans une tentative de renouvellement du médium photographique. Il s'agit d'une intervention artistique globale.

Avec son installation, Beatriz Toledo ne représente pas un espace urbain précis mais elle s'attaque aux frontières entre les arts, avec la sensibilité rétinienne d'une photographe et la perception spatiale d'un sculpteur ou d'un architecte. Elle confronte l'image à son environnement et – phénomène amplifié par la banalité du sujet – à une forme de déconstruction du dispositif de l'exposition. Elle semble en outre concevoir l'installation à la façon d'une vanité qui prendrait la forme de la ruine urbaine en même temps qu'elle témoignerait de la fragilité de l'œuvre d'art en soi. Si les peintures d'Hubert Robert, en particulier ses ruines antiques, consacraient au XVIIIe s. le triomphe de la peinture stimulant la mémoire et l'émotion par la ruine, on ne sait exactement ici, qui, de la ruine ou de l'art, fera de l'autre sa propre finalité.

Matthieu Lelièvre